

Ensino de Geografia e Aplicativos para Smartphones: uma revisão crítica

Érica Carla de Oliveira da Silva¹

¹Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Fluminense
Rua Doutor Siqueira, 273 - Parque Tamandaré, Campos dos Goytacazes – RJ

{erica.cars@gmail.com}

Abstract: *This article relates the challenges of the geography teachers on nowadays with the history of the discipline and the possibilities of the uses of cell phones on the classroom. Were analyzed ten cell phones apps and was realized that the devaluation of the school geography reflects the development of these apps that focus on memorization methodologies.*

Resumo: *O presente trabalho relaciona os desafios dos professores de geografia da atualidade com a trajetória histórica da disciplina e das possibilidades da utilização dos aparelhos celulares na sala de aula. Foram analisados dez aplicativos de celular e constatou-se que a desvalorização da geografia escolar se reflete no desenvolvimento desses aplicativos que focam em metodologias de memorização de conteúdo.*

1. Introdução

Percebe-se que o ensino enfrenta hoje vários desafios e dilemas. Verifica-se esse problema observando “um quadro bastante sombrio: professores e alunos desmotivados, atividades cognitivas pouco interessantes e criativas, enfim, um quadro mais de sabores do que de bons humores”. (KAERCHER, 2014, p. 31). Instigados por essa realidade apontada por diversos autores (Kaercher, 2014 e Moran, 2006), buscou-se analisar uma das formas que os aparelhos celulares podem ser usados na sala de aula, principalmente com aplicativos específicos de geografia, pois acreditamos que

muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, desmotivamo-nos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada? (MORAN, 2006, p. 11)

O autor questiona sobre “como ensinar e aprender numa sociedade mais interconectada?”, a pergunta ainda pode ser completada: do que adianta termos aparatos digitais se as mesmas metodologias baseadas em memorização e transmissão

de conhecimento de forma acrítica somente migram do papel e caneta para a tela do computador ou celular? O próprio Moran conclui:

Como em outras épocas, há uma expectativa de que as novas tecnologias nos trarão soluções rápidas para o ensino. (...) Mas se ensinar dependesse só de tecnologias já teríamos achado as melhores soluções há muito tempo. Elas são importantes, mas não resolvem as questões de toda as épocas e particularmente agora em que estamos pressionados pela transição do modelo de gestão industrial para o da informação e do conhecimento. (MORAN, 2006, p. 12)

Vivemos em uma sociedade rodeada por dispositivos digitais e acesso à várias mídias constantemente, caracterizando a *Sociedade da Informação (SI)* de acordo com os autores Coll e Monero (2010). Esta se transforma diariamente, mudando a forma de viver e aprender, como afirma Candau:

Nas sociedades atuais, muitas são as formas de acesso ao conhecimento, não se podendo atribuir à escola a quase exclusividade desta função. O impacto dos meios de comunicação de massa e, particularmente, da informática está revolucionando as formas de construir conhecimento. E estas formas estão chamadas a se multiplicar nos próximos anos. Por outro lado, a cultura escolar está impregnada pela perspectiva do comum, do aluno padrão, do “aqui todos são iguais”. No entanto, as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade cultural, étnica, social, religiosa, etc., dos seus sujeitos e atores. (CANDAU, 2010, p. 14)

Além dos problemas metodológicos da educação em geral, a geografia escolar tem como agravante uma desvalorização curricular promovida em tempos recentes, principalmente a partir do governo militar no Brasil (1964-1985). Nesse momento político, uma série de reformas foi instituída, as disciplinas escolares de história e geografia foram fundidas em uma única, chamada “estudos sociais”. De acordo com Cassab (2009) isso se deu para que essas disciplinas eram consideradas pelos governantes com conteúdo muito “crítico”, podendo levar os alunos a questionarem o sistema político vigente.

A inserção da corrente crítica do pensamento geográfico na escola se mostrou como uma proposta de renovação no ensino de geografia, no entanto, o que se percebeu foi a insistência de velhas metodologias baseadas na escola tradicional. Estas não atendem aos pressupostos críticos desejados, o conteúdo mudou, mas a abordagem continuou baseada em memorização e ao aluno se reservou o papel passivo (STRAFORINI, 2004)

Dessa forma, nos anos 1990, mesmo com reformas educacionais, o ensino continuou servindo aos interesses políticos, que neste momento era a implantação do neoliberalismo no Brasil, como afirma Straforini:

A política educacional visava, sobretudo, resultados estatísticos satisfatórios de aprovação e maior tempo de escolaridade em detrimento da qualidade do processo do ensino-aprendizagem, incentivando a essência da cultura neoliberal no seio do sistema educacional: a competitividade e o meritismo. Cobradas, as escolas esforçam-se na busca de tais resultados divulgados nos meios de informação, utilizados pelo poder público como instrumento de distribuição de verba. Para atingir tais resultados, amparadas na Lei de Diretrizes e Bases Educacional, as escolas passaram a diminuir a carga horária de disciplinas como Geografia e História para aumentar as que mais pesavam nessas avaliações: Matemática e Língua Portuguesa. (STRAFORINI, 2004, p. 48)

A partir dessas reflexões, aponta-se aqui uma das frentes para contribuir na discussão e encaminhamento de superação dos desafios da geografia escolar é o uso do *m-learning* e dos aplicativos de celular na sala de aula.

2. Sociedade de Informação e Educação

A sociedade contemporânea vem passando por transformações nas últimas décadas como decorrência de

uma mudança abissal nas práticas culturais, bem como político-econômicas, desde mais ou menos 1972. Essa mudança abissal está vinculada à emergência de novas maneiras dominantes pelas quais experimentamos o tempo e o espaço” (HARVEY, 2003, p. 08).

Tais transformações nas experiências espaço-temporais estão vinculadas, entre outros fatores, a invenção e popularização da internet que ajudou a causar profundas alterações em praticamente todos os setores da sociedade, modificando as relações econômicas, políticas e sociais, e também a nossa capacidade de obter e transmitir informações (COLL e MONERO, 2010).

Os jovens do século XXI que já nasceram em meio aos dispositivos sociais são os que convivem com essas tecnologias mais facilmente, crescendo a importância destas serem usadas no ensino, como explicam Anand e Burke:

As students live an increasingly interactive digital life through social networking Web sites, mobile phones, IM, and chat, it is

not only necessary to use these channels for educational purposes but to recognize that these present tremendous opportunities for interactive. (ANAND & BURKE apud MOURA, p. 7)

No entanto, ao observar a escola não conseguimos ver um uso confortável e cotidiano das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) nas salas de aula. De acordo com Moran (2013) o uso de tecnologias na escola se aperfeiçoou na parte de infraestrutura e gestão e não no processo de ensino e aprendizagem. O autor ainda aprofunda o problema ao afirmar que as mudanças são superficiais porque muitos professores não estão aptos a usar TCIC em sala de aula, por falta de preparo ou insegurança diante dos alunos.

3. M-learning

Na atualidade o computador pessoal não é único meio de obtenção de informação. É cada vez mais crescente o uso de dispositivos móveis, particularmente o celular, que são *wireless* (sem fio) e com diversas aplicabilidades reunidas em um único equipamento que antes distribuídas por vários aparelhos, como recursos de música, fotos e jogos (MORAN, 2013). De acordo com Moura o celular permite

acesso a conteúdos multimédia deixou de estar limitado a um computador pessoal (PC) e estendeu-se também às tecnologias móveis (telemóvel, PDA, Pocket PC, Tablet PC, Netbook), proporcionando um novo paradigma educacional, o *mobile learning* ou aprendizagem móvel, através de dispositivos móveis. O *mobile learning*, uma extensão do e-learning, tem vindo a desenvolver-se desde há alguns anos, resultando em vários projectos de investigação. (MOURA, p. 2, s.a.)

O *m-learning* se mostra como uma possibilidade de integrar a Sociedade da Informação e a escola de maneira mais atrativa e atual de se realizar o processo de ensino e aprendizagem. No entanto, é muito comum o celular ser colocado como vilão tecnológico da sala de aula, considerado fonte de distração, usualmente sendo proibido seu uso na escola. Mas, por outro lado, o que se observa é o mal uso do celular não só pelos jovens, como também pelos adultos como afirma Moura:

As causas que estão na origem desta proibição prendem-se, no dizer dos professores, com a falta de atenção e dispersão dos alunos provocadas pelos aparelhos. Muitos dos regulamentos de proibição assentam no facto de se considerar o telemóvel como um elemento de distração. (...) Não obstante, o que se nota, no seio da escola e na sociedade em geral, é uma falta de hábitos no uso destes aparelhos, quer por parte dos alunos, que não respeitam o clima de atenção dos colegas, quer

dos pais que telefonam aos filhos em horário escolar por futilidades. (MOURA, p. 3, s.a.)

Portanto, há uma necessidade de melhor entendimento de qual momento é adequado usar ou não o celular, tanto pelos jovens como pelos seus pais, pois o problema se mostra como cultural. A solução para isso não é a proibição do celular em sala de aula, que se torna cada vez mais comum em diversos lugares, mas sim uma maior conscientização das múltiplas possibilidades que o celular pode ter para a educação (MOURA, s.a.).

4. Ensino de Geografia e Aplicativos de Celular

Ainda persiste, hoje, na geografia escolar, uma abordagem tradicional priorizando o conteúdo e a memorização. O aluno é colocado de forma passiva, como um receptáculo de um bloco de conhecimentos fragmentados e hierarquizados, para serem memorizados e reproduzidos (STRAFORINI, 2004).

Esse quadro preocupante levanta a necessidade de renovações na geografia escolar, Cavalcanti afirma que

Mais do que conteúdos, é necessário também, ensinar-lhes modos de pensamento e ação, ou seja, por meio de atividades proporcionadas nas aulas, por meio do trabalho com conteúdos, os professores devem propiciar o desenvolvimento de certas capacidades e habilidades. (CAVALCANTI, 2013, pp. 34-35)

Dentre essas habilidades destacadas pela autora estão a capacidade de compreensão e análise da realidade, diferenciando suas diferentes escalas e a relevância do estudo do espaço e dos processos histórico-geográfica.

A partir dessas conclusões foi feita uma análise exploratória dos dez aplicativos gratuitos (figura 1) mais baixados para celulares com sistema operacional android. Esses aplicativos foram escolhidos por estarem na seção destinada à educação e pela busca por geografia na mesma. Foram listados, de acordo com o número de downloads. Optamos por analisar os dez mais baixados. Segue lista:



Figura 1. Dez aplicativos mais baixados na loja de aplicativos do sistema operacional android.

Observou-se que seis dos aplicativos, são eles: estudapp, jogos de pergunta de geografia, geografia teste, quiz de geografia, jogo quiz sobre geografia e sabes de geografia; são baseados em perguntas e respostas, não estimulam raciocínio crítico e incentivam a fragmentação do ensino. Assim como três dos aplicativos que usam mapas (países do mundo, capitais dos países do mundo e geografia dos países), usam princípio parecido: memorização de localizações e de países e capitais.

Isso demonstra o que Straforini (2004) afirma, que o aluno não é estimulado ao pensamento crítico, mas sim a receber informações de forma passiva e acrítica, sem reflexão sobre a realidade.

Esses aplicativos repassam conteúdos sem estimular o aluno a desenvolver as capacidade necessárias para a compreensão abrangentes dos conceitos geográficos, como afirma Cavalcanti:

O desenvolvimento do pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação do sujeito com o mundo, que proporciona ao sujeito generalizar suas experiências, é papel da escola e das aulas de geografia. No entanto, sabe-se que os conceitos não se formam na mente do indivíduo por transferência direta ou por reprodução de conteúdos. (CAVALCANTI, 2013, p. 36)

O uso de celular na sala de aula e dos aplicativos disponíveis passa pelo objetivo pedagógico que quer ser alcançado e uma nova forma de ensinar, ao invés de

usar um aparelho tecnológico para reproduzir velhas metodologias baseadas em memorização.

5. Conclusões

Esse trabalho teve por objetivo relacionar a história da geografia escolar e sua influência sobre tecnologias digitais muito presentes na atualidade, com foco nos aplicativos para celular. Percebeu-se a influência política no ensino de geografia, desprezando seu potencial de formação crítica dos alunos e a levando a ser uma disciplina voltada a memorização e transmissão de conhecimento de forma acrítica e compartimentada. E essa herança está presente nos aplicativos de celular analisados, que são baseados em jogos de perguntas e respostas e de localização em mapas, sem estímulo à observação crítica da sociedade.

Buscou-se ressaltar a relevância do m-learning na Sociedade da Informação, mas tendo cuidado, pois utilizar aplicativos de celular baseados em perguntas e repostas só transmite para o celular os antigos questionários. Portanto é necessário ter cuidado ao escolher os recursos digitais que podem ser usados em sala de aula para explorar seu maior potencial e não esquecer da essência da geografia escolar, o pensamento crítico.

Referências

- CANAU, V. M. Construir Ecosistemas Educativos – Reinventar a Escola. IN: CANAU, Vera Maria (org). **Reinventar a Escola**. 7ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Pp.11-16.
- CASSAB, C. **Reflexões sobre o Ensino de Geografia**. **Geografia: Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, 2009, v. 13 n. 1, pp. 43-50.
- CAVALCANTI, L. de S. Concepções de Geografia e de Geografia Escolar no Mundo Contemporâneo. IN: _____. **A Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio sobre o Ensino de Geografia para a vida Urbana Cotidiana**. 3ª Edição. Campinas, SP: Papyrus, 2012. Pp 15-37.
- COLL, C. MONERO, C. Educação e Aprendizagem no século XXI: novas ferramentas, novos cenários, novas finalidades. IN: COLL, César; MONERO, Carles e colaboradores. **Psicologia da Educação Virtual: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação**. Tradução Naila Freitas. Porto Alegre: Artmed, 2010. Pp. 15-46.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. 12 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- KAERCHER, N. Entre a Educação e a Geografia há uma filosofia. IN: _____. **Se a Geografia escolar é um pastel de vento o gato come a Geografia Crítica**. Porto Alegre: Evangraf, 2014. Pp. 29-78.



MORAN, J. A integração das tecnologias na educação. IN: _____. **A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5ª Ed. Campinas: Papyrus. Pp. 89-90.

_____. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. IN: MORAN, J.; MASETTO, M.; BEHRENS, M. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 10ª Ed. Campinas: Papyrus, 2000. Pp. 11-66

MOURA, Adelina. **Geração Móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”**. Disponível em <<http://adelinamouravita.com.sapo.pt/gpolegar.pdf>>. Acessado em 03 de julho de 2015.

STRAFORINI, R. Dilemas do Ensino de Geografia. IN: _____. **Ensinas Geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. São Paulo: Annablume, 2004. Pp. 45-74.